

## FREUD E OS ENIGMAS DA DIFERENÇA SEXUAL

*Carlos Alexandre de Oliveira Antonio*

Enquanto estudiosos da sexualidade, devemos à psicanálise uma série de esclarecimentos sobre a vida sexual humana. A ambigüidade do verbo dever indica o reconhecimento das contribuições freudianas, mas também, aquilo que, da sexualidade, ainda está por ser esclarecido e os próprios limites de tal esclarecimento.

Portanto, o objetivo desse trabalho é levantar, na obra de Freud, alguns enigmas sobre a diferença sexual apontando seu caráter ético, já que toda a teoria desenvolvida pelo autor a respeito da sexualidade na infância como resultante do “assujeitamento” da criança ao semelhante do qual depende para levar a cabo suas ações no mundo é um tema crucial para a psicanálise.

A ética de Freud diante da sexualidade se traduz por uma ideia primordial: fazer tudo aquilo que se refere à sexualidade ser tratado como os demais fatos dignos de conhecimento. Segundo o próprio autor, sua postura, sua aptidão para aceitar uma situação de “oposição solitária” – resultante da resistência às suas idéias – se deve à “judeidade” de sua personalidade. Com essa postura, Freud sustentou as mais escandalosas hipóteses sobre a “condição humana”, como por exemplo: a sexualidade infantil, as fantasias fundamentais e a compulsão à repetição

Em *Os três ensaios* ao afirmar que a sexualidade está presente na infância, Freud(1905/1996), contradiz todas as noções populares a respeito desse tema. Aponta que, muito antes da puberdade já está completamente desenvolvida na criança a capacidade de amar (vide manifestações como: ciúme, dedicação, ternura). Por isso, o fato da criança se apresentar biologicamente “imatura” para fazer sexo não a impede de tecer considerações a respeito da relação erótica dos pais, construindo teorias que visam dar conta daquilo que lhes é ocultado.

O que vale salientar é a prevalência do interesse intelectual transformado em fantasia para lidar com aquilo que não se sabe. Contudo, esse interesse não surge espontaneamente, mas a partir de um acontecimento: a presença de um terceiro elemento (um bebê, o pai). Assim, são as primeiras manifestações de amor da criança pelos pais que a lança na construção de fantasias. Em outras palavras, a perda do lugar junto à mãe lança a criança na demanda de ser novamente seu objeto precioso.

No texto “Sobre as teorias sexuais das crianças”, Freud (1908/1996) indica, especificamente, a causa das fantasias sexuais infantis no vislumbre do terceiro, a partir da questão: “de onde vêm os bebês?”. Interrogar-se sobre a origem do terceiro abre para a criança não somente a dimensão do “conflito psíquico”, mas também a possibilidade de contorná-lo através de suas pesquisas e hipóteses sobre a dialética entre a mãe e o terceiro: as fantasias. Esse conflito pode transformar-se numa “dissociação psíquica” entre concepções conscientes e o conjunto de opiniões inconscientes formando, assim, o complexo nuclear da neurose.

Além disso, Freud (1905/1996) destaca três teorias sexuais infantis, sendo que as duas primeiras têm em comum o fato de *velarem* a diferença sexual. São elas: a “teoria fálica” (todos possuem pênis) e a “teoria cloacal” (os bebês nascem pelo ânus). Na terceira teoria, a “teoria sádica do coito”, o sexo dos pais é interpretado como um ato de violência e a diferença sexual percebida através da “batalha do sexo”, onde um mais forte domina um mais fraco. E por fim, articula uma “outra questão indiretamente relacionada com o problema insolúvel da origem dos bebês: a questão da natureza e do conteúdo do casamento”.

Com isso, poderíamos dizer que ao contrário das duas primeiras teorias sexuais infantis, que velam a diferença sexual, a terceira teoria (sádica do coito) e as teorias a respeito do casamento indicam algum grau de percepção da diferença.

A pesquisa psicanalítica sobre a sexualidade sofreu uma série de elaborações como nos mostra as mudanças sofridas pelo texto *Os três ensaios*. A última, ocorrida em 1922, ancorava a sexualidade no reconhecimento da “*ampla aproximação do desfecho final da sexualidade na infância* (por volta dos cinco anos) para a forma definitiva por ela assumida no adulto” (FREUD, 1923/1996, p.157).

A utilização da noção da bitemporalidade do “desenvolvimento” sexual permitiu afirmar que a “escolha” de objeto se dá nos primeiros anos da infância sendo retomada mais tarde. Assim, a diferença entre a sexualidade infantil e a do adulto, em 1922, girava em torno da incompletude ou inexistência da primazia dos genitais na criança.

Já no texto “A organização genital infantil”, considerado por Freud uma interpolação aos *Três ensaios*, essa diferença não se limitaria, unicamente, ao surgimento da escolha de um objeto sob a incompletude da primazia do genital. E sim, pelo fato de que ambos os sexos ignoram a diferença sexual devido à “primazia fálica”. A partir disso, Freud conclui que “*o significado do complexo de castração só pode ser corretamente apreciado se sua origem na fase da primazia fálica for também levada em*

*consideração*” (FREUD, 1923/1996, p.159-60).

A partir dessas considerações, no ano seguinte (1924), Freud introduz o complexo de Édipo como o fenômeno central do período sexual da primeira infância. Sua pesquisa objetiva verificar o que causa a dissolução do complexo de Édipo em meninos e meninas, ou seja, o que introduz o período de latência. Nesse momento teórico, Freud articula o complexo de Édipo com a escolha bifásica de objeto. De modo que, a “escolha” de objeto, na infância, culmina com a fase fálica que é contemporânea do complexo de Édipo, mas seu “desenvolvimento” até a organização genital definitiva é interrompido pelo período de latência.

Temos, portanto, a ameaça de castração como fator responsável pela parada no “desenvolvimento” sexual, denominada de período de latência. Ao lado desta, Freud adiciona dois outros fatores que preparam a criança para a perda de partes altamente valorizadas do corpo: o desmame e o controle dos esfíncteres anais. Portanto, essas operações já podem ser compreendidas como formas de castração.

Nesse momento, é a ameaça de castração que instaura o conflito psíquico entre o interesse fálico e o investimento nos objetos parentais. O processo de identificação virá, pois, substituir esses investimentos, preservando o órgão genital pela remoção de sua função. E o ego aparece, então, com a função de afastar da consciência toda a operação edípica, de forma que, os efeitos patogênicos resultam do modo mais ou menos bem executado de tal afastamento.

A teorização freudiana passa a girar em torno do modo como meninas e meninos respondem à ameaça de castração. E como a primazia fálica é tomada como referência do complexo de Édipo, a atitude edípica do menino pertence à fase fálica e sua dissolução é causada pela ameaça de castração. No entanto, no artigo onde analisa “Algumas conseqüências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos” (1925) detectou uma questão no desdobramento do complexo de Édipo do menino: “as fantasias primitivas”. Essa questão já havia aparecido em “Bate-se em uma criança”. Ali, Freud (1919/1996) conclui que tanto em meninos quanto em meninas a fantasia de espancamento corresponde a uma *atitude feminina* e tem sua origem numa ligação incestuosa com o pai.

Então, o problema teórico latente no artigo “Algumas conseqüências...” refere-se ao modo como a questão da atitude feminina, que está na base da fantasia, se articula ao complexo de Édipo de meninos e meninas.

Em relação ao menino, o problema se resume no fato da orientação dupla – ativa e passiva – do complexo de Édipo. A aceitação da castração por parte do menino o feminiliza diante do pai. Já em relação à menina, a problemática gira em torno da mãe. Se a mãe é o objeto original para ambos os sexos, como a menina abandona o investimento na mãe e toma o pai como objeto?

Sendo assim, na construção da masculinidade um menino precisa *superar* a atitude feminina perante o pai. E na construção da feminilidade uma menina precisa *deslocar* o investimento inicial da mãe para o pai. Eis o contraste fundamental entre os sexos no que diz respeito à relação entre o complexo de Édipo e o de castração. “Enquanto, nos meninos, o complexo de Édipo é *destruído* pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é *introduzido* através do complexo de castração” (FREUD, 1925/1996, p.285). Esse contraste pode ser mais bem explicado considerando o sentido em que opera o complexo de castração: *inibe a masculinidade e incentiva a feminilidade*.

Nesse momento, a diferença sexual é uma consequência da “distinção anatômica” entre os órgãos genitais e a “situação psíquica” envolvida: a diferença entre uma castração ameaçada (homens) e uma castração executada (mulheres).

Contudo, embora a psicanálise sustente a diferença sexual como um de seus fundamentos, Freud foi suficientemente ético, em suas pesquisas, para apontar que a masculinidade e a feminilidade puras são construções teóricas de conteúdo incerto. Há, portanto, uma combinação de conteúdos masculinos e femininos que se deve, principalmente, à “disposição bissexual” dos seres humanos e à “herança cruzada”.

Então, seria a feminilidade um limite para os sexos? Se sim, como cada um enfrenta esse limite na direção do posicionamento sexual? A dificuldade de ambos os sexos em relação à feminilidade nos lança para o que Freud denominou de “rochedo da castração” e coloca a feminilidade num lugar teórico privilegiado: o de enigma, *par excellence*.

Em “A sexualidade feminina” Freud (1931/1996), busca respostas para o enigma da feminilidade a partir de suas investigações clínicas, onde detecta a importância da “fase pré-edipiana” para as mulheres considerando dois fatos: 1. a intensa dependência do pai assume a herança de uma forte ligação com a mãe e 2. a *duração* dessa fase primitiva com a mãe.

Considerando que “as condições primárias para uma escolha de objeto são, naturalmente, as mesmas para todas as crianças” (FREUD, 1931/1996, p.236), torna-se relevante saber como a mudança ocorre e quais as diferentes possibilidades que se

apresentam no decurso desse desenvolvimento. Os elementos diferenciadores do “desenvolvimento” sexual passam a ser, portanto, o tempo de duração da fase pré-edipiana (meninas) e o interesse narcísico dos órgãos genitais (meninos).

Devemos, portanto, articular a noção de primazia fálica com a duração da fase pré-edipiana. Desse modo, o tempo de duração pré-edipiano adquire importante papel no posicionamento da criança na ordem fálica. Freud já havia indicado, em 1924, a importância da temporalidade na causação e efeitos do complexo de Édipo.

“É indubitável que as relações temporais causais aqui descritas entre o complexo de Édipo, a intimidação sexual (ameaça de castração), a formação do *supereu* e a entrada no período de latência são de natureza típica, mas não quero afirmar que esse tipo seja o único. As variações na sucessão temporal e no encadeamento desses processos são muito importantes para o desenvolvimento do indivíduo” (FREUD, 1924/1978, p.2749).

Contudo, sobre a longa duração da ligação pré-edipiana da menina à mãe, Freud frisa sua dificuldade em “distinguir, nesse campo, entre o que é rigidamente fixado por leis biológicas e o que se acha aberto ao movimento e à mudança, sob a influência acidental” (FREUD, 1931/1996, p.250). Nesse sentido, há uma conexão entre a questão da temporalidade e os efeitos, em meninos e meninas, da relação entre o complexo de castração e o complexo de Édipo.

Essa conexão pode ser demonstrada através de três diferenças básicas que envolvem o sentido, o lugar e os efeitos propriamente ditos da operação edípica conforme quadro abaixo:

	Meninos	Meninas
Sentido	Destruição (< tempo pré-edipiano)	Criação (> tempo pré-edipiano)
Lugar	Objeto	Vida sexual
Efeito	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. exigência superegógica</li> <li>2. degradação do objeto</li> <li>3. diferenciação do objeto</li> <li>4. homossexualidade exclusiva</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. devastação</li> <li>2. ênfase da masculinidade</li> <li>3. superposição do objeto</li> <li>4. feminilidade</li> </ol>

Se a mãe é o primeiro objeto para meninos e meninas, os efeitos do complexo de Édipo são determinados pelas “fases” libidinais e resultam em objetivos sexuais ativos e passivos. Assim, a relação da atividade com a passividade é observável em todo o campo da experiência mental e não apenas no da sexualidade, de modo que, “quando

uma criança recebe uma impressão passiva, ela tende a produzir uma reação ativa” (FREUD, 244).

Freud explorou essa conversão da passividade em atividade em “Além do princípio do prazer” (1920) ao comentar o jogo de *fort-da*. Produzir a alternância entre *desaparecimento e retorno* foi o modo encontrado, pela criança observada, para “transformar” uma vivência passiva em uma atividade na brincadeira.

Porém, o que gostaríamos de extrair desse texto para pôr em diálogo com as questões do artigo sobre a sexualidade feminina é o acento dado por Freud, em relação à compulsão à repetição, aos casos em que “a pessoa parece vivenciar *passivamente* uma experiência sobre a qual não tem nenhuma influência, só lhe restando experimentar a repetição da mesma finalidade” (FREUD, 1920/2006, p.147).

Sendo assim, embora em suas brincadeiras as crianças tendam a “suplementar uma experiência passiva com um comportamento ativo” (FREUD, 1931/1996, p.244) - movimento que Freud chamou de “anulação” – essa oscilação não se realiza com a mesma regularidade ou vigor em todas as crianças.

Freud aponta essa oscilação como fundamento do exercício sexual da criança e que por isso, constituirá o modo específico de cada um conduzir-se na vida erótica “capacitando-nos a tirar conclusões quanto à intensidade relativa da masculinidade e feminilidade que ela apresentará em sua sexualidade” (FREUD, 1931/1996, p.244 )

Na “Conferência XXXIII: feminilidade”, Freud (1933/1996) concorda com a idéia da *disposição bissexual* nos seres humanos, proveniente da biologia, mas nos adverte da inutilidade de transpô-la de forma direta para a psicologia. Seria um erro de superposição a relação ativo-masculino e passivo-feminino. Com isso, se na constituição sexual de ambos os sexos estão presentes as *mesmas forças* libidinais, as quais seguem o *mesmo curso* e têm o *mesmo desfecho* e sendo a masculinidade e a feminilidade uma característica desconhecida que foge ao alcance da anatomia: do que se trata na diferenciação dos sexos?

Concluimos que, no fim das elaborações freudianas, o enigma da diferença sexual é deslocado para a prevalência do *modo de satisfação*: masculino/fins ativos e feminino/fins passivos. A esses modos de satisfação, a leitura de Freud feita por Lacan, nomeou de modalidades de gozo resultando nas fórmulas quânticas da sexuação.

Lacan ao enfatizar determinadas indicações freudianas como, por exemplo, a temporalidade do complexo de Édipo, forjou o termo sexuação e com ele abriu uma

nova perspectiva, que desloca o enigma da sexualidade para um além do complexo de Édipo.

## **BIBLIOGRAFIA**

FREUD, S. (1905) Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1907) O esclarecimento sexual das crianças. In: **Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1908) Moral sexual 'cultural' e doença nervosa moderna In: **Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1908) Sobre as teorias sexuais das crianças. In: **Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1919) Bate-se em uma criança. In: **Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1923) A organização genital infantil. In: **Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1924) A dissolução do complexo de Édipo In: **Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1925[1924]) **As resistências à psicanálise.** In: **Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1925) **Algumas conseqüências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos** In: **Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1931) **A sexualidade feminina.** In: **Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1933) **Conferência XXXIII: feminilidade** em: **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise**

\_\_\_\_\_. (1937) **Análise terminável e interminável.** In: **Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1920) **Além do princípio do prazer.** In: **Obras psicológicas de Sigmund Freud: Escritos sobre a psicologia do inconsciente, vol. II.** Rio de Janeiro: Imago, 2006.